



“CURTI, COMENTEI, COMPARTILHEI!” - MODOS DE SUBJETIVAÇÃO E RELAÇÕES DE GÊNERO EM UMA REDE SOCIAL DIGITAL

“LIKED, COMMENTED, SHARED!” - SUBJETIVATION WAYS AND GENDER RELATIONS IN DIGITAL SOCIAL NETWORK

Lynna Gabriella Silva Unger¹
Claudiene Santos²

Resumo: Este trabalho visa analisar as pedagogias culturais existentes nas mídias sociais digitais, com foco nas narrativas acerca das relações de gênero, veiculadas discursivamente pela *internet*, em páginas de cunho humorístico em redes sociais digitais. As páginas analisadas reiteram padrões hegemônicos e heteronormativos de gênero, embora o potencial pedagógico da *internet* apresente resistências e dissidências. É necessário desconstruir as hierarquias e assimetrias das relações de gênero, por meio de uma educação para e pelas mídias, a fim de (re)construir discursos e produzir subjetividades politicamente engajadas.

Palavras-chaves: Processos de subjetivação; mídias digitais; discursos humorísticos, gênero.

Abstract: This work aims to analyze the cultural pedagogies in digital social media, focusing on narratives about gender relations, conveyed discursively through *internet*, in humorous pages on digital social network. The analyzed pages reiterate hegemonic and heteronormative patterns of gender, although the pedagogical potential of internet presents resistance and dissidence. It is necessary to deconstruct hierarchies and asymmetries of gender relations through an education to and by media, in order to (re)construct discourses and produce politically engaged subjectivities.

Keywords: Subjetivation process; digital media; humorous discourses; gender.

¹Mestra em Psicologia Social (PPGPS/UFS), integrante do grupo Gênero, Sexualidade e Estudos Culturais GESEC/UFS/CNPq. E-mail: lynnaunger@gmail.com

² Doutora em Psicologia (FFCLRP/USP), professora adjunta IV do departamento de Biologia da Universidade Federal de Sergipe, líder do grupo Gênero, Sexualidade e Estudos Culturais GESEC/UFS/CNPq. E-mail: claudienesan@gmail.com

Atualmente, os modos de acesso ao conhecimento e os significados atribuídos por jovens às informações mediadas pela mídia, tem sido alvo de estudos (SABAT, 2001; GIROUX, 1995; CAMOZZATO, 2014; UNGER et al., 2015). Pensar o meio em que verdades são instauradas nos leva a considerar a *internet* um campo de saber, de circulação de pedagogias que ensinam, educam e regulam as formas de ser e estar na contemporaneidade, com especial ênfase nas relações de intimidade. Assim, partimos dos questionamentos: Que pedagogias culturais as mídias digitais sociais propiciam sobre as relações de gênero? Quais os sentidos apreendidos e (re)produzidos por meio delas sobre os modos de se relacionar?

A partir de nossas vivências com jovens, em ações de ensino, pesquisa e extensão, em contextos educativos formais e não formais, surgiram inquietações sobre os modos de subjetivação engendrados por elxs³ em suas múltiplas redes de relações sociais, no que se refere ao ciúme, às relações e regulações de gênero nas relações íntimas (UNGER et al., 2015).

Dessa forma, visamos analisar as pedagogias culturais existentes nas mídias sociais digitais, com foco nas narrativas acerca das relações de gênero, veiculadas discursivamente pela *internet*, em páginas de cunho humorístico, em rede social digital. Ao considerar a potência destas narrativas na constituição dos processos de subjetivação, almejamos expor perspectivas de análise que, além de contribuir para ampliar as lentes de olhares, possam operar deslocamentos importantes para compreender questões sociais (COSTA, 2000).

Inspiramo-nos nos Estudos Culturais Pós-estruturalistas e nos Estudos de Gênero, que nos possibilitam trabalhar com a noção de sujeito como uma consequência sociocultural, como produto e efeito de relações de saber-poder, perspectiva que propõe uma analítica externa aos conceitos da racionalidade, colocando sob análise as 'verdades' pré-estabelecidas (ESCOSTEGUY, 1998; FOUCAULT, 1989; FROW; MORRIS, 2006),

³ Ao longo do trabalho, adotamos uma linguagem feminista de escrever, opondo-nos a qualquer linguagem sexista que tenha a forma masculina como regra geral. Explicitamos o masculino e o feminino, ora como linguagem inclusiva (ex: os/as), ora, quando possível, utilizando termos neutros em gênero (ex: pessoa).

Mídias digitais, cultura e subjetivação

O advento de formas instantâneas de comunicação marca a cultura e as vivências sociais contemporâneas, sendo cultura compreendida como uma rede de práticas e representações, que influenciam a vida social e, elemento central para compreender o mundo mundo e os significados atribuídos às experiências vividas (HALL, 1997). Deste modo, essa esfera não pode ser analisada como uma prática singular, mas perpassada por diferentes práticas sociais.

Para Hall (2000), esse debate não pode ser travado se deixarmos de lado as consequências trazidas pela modernidade, por meio do processo de globalização e o surgimento e difusão das novas tecnologias, que tem transformado estruturalmente as relações sociais. Há um deslocamento das identidades modernas, em que, o sentido não se refere ao que somos, mas ao que e como representamos. O sujeito contemporâneo abandona a dita identidade essencial e, assume as várias identidades, (trans)formadas continuamente em relação ao modo como é representado ou interpelado pelos sistemas culturais ao redor, podendo ser, tais identidades inclusive, contraditórias. Assim, “... à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente” (HALL, 1997, p.16).

Na contemporaneidade, as mudanças nos modos de subjetivação, experiências de si marcadas por discursos que fazem circular relações de poder, ocorrem mais rapidamente do que em qualquer outra época. Outro ponto importante é a fragmentação da subjetividade (CAMPANHOLE; MOURA, 2013), pois, o ver-se, o expressar-se, o julgar-se representam modos de subjetivação que podem tanto servir para alicerçar normatizações e preconceitos quanto para problematizar “verdades absolutas” e mostrar a instabilidade que permeia as experiências humanas, ensaiando novas formas de “enxergar” a si e ao outro (LARROSA, 2014).

O papel da mídia é cada vez mais relevante na significação e compreensão do mundo, bombardeado intensamente por informações e, portanto, passa a ter uma importância nos debates em torno das identidades, do lugar, da comunidade e dos sentidos (BECKER, 2012). Para Castells (1999), a comunicação exerce o poder de interferência na cultura, se pensarmos, por exemplo, na revolução que a escrita alfabética

trouxe para nós: a criação e sistematização do discurso racional, a separação entre o oral e o artístico, o desenvolvimento da tipografia, entre outros. Nessa sequência, chegamos à eclosão da TV e a maneira pela qual ela consolida-se em nossa vida cotidiana e, mais recentemente, as transformações culturais promovidas pelo uso da *internet*.

Ao voltarmos-nos para as práticas culturais, evidenciamos as ordens discursivas que regem o que deve ser dito e o que deve ser silenciado e nisto, os próprios sujeitos estão sob esses efeitos. Para Costa (2000) a linguagem, as narrativas, os textos, os discursos não apenas descrevem ou falam sobre as coisas, ao fazer isso eles instituem as coisas, inventando sua identidade. Podemos exemplificar as diversas mídias sociais digitais (*Facebook, Twitter, Snapchat, Blogs*, dentre outras⁴) que por meio de suas interfaces ampliam a circulação e trocas culturais mediadas pela tecnologia, de modo cada vez mais intenso, resultando na difusão e compartilhamento da cultura, disseminação de signos e, conseqüentemente, maior fragmentação de sentidos e identidades.

Não podemos perder de vista os processos de construção das diferentes formas de subjetivação, que podem ser considerados “disputas” que colocam de um lado, o indivíduo e, de outro, a cultura e a sociedade. Assim, a subjetivação é um meio utilizado pelo sujeito para que justamente, não se assujeite — ao menos parcialmente — em relação às influências que o cercam. Entretanto, subjetivar-se não significa construir algo que seja próprio e exclusivo do indivíduo. A construção da subjetividade dá-se no espaço *entre* o sujeito e a cultura em que está inserido (WEINMANN, 2006). Para Woodward (2014, p.56),

O conceito de subjetividade permite uma exploração dos sentimentos que estão envolvidos no processo de produção da identidade e do investimento pessoal que fazemos em posições específicas de identidade. Ele nos permite explicar as razões pelas quais nós nos apegamos a identidades particulares.

⁴ Partimos do pressuposto que "mídias sociais digitais" nada mais são do que sistemas populares de distribuição de notícias e outros conteúdos de interesse pessoal. Elas vêm sendo usadas como uma ferramenta online, uma plataforma para o compartilhamento de opiniões, percepções, experiência e perspectivas, em mensagens que utilizam texto, imagens, áudio e vídeo (THEVENO, 2007). Esse conteúdo pode ser compartilhado em sites populares como *Facebook, Twitter, YouTube, blogs*, dentre outros. Vide: THEVENO, G. Blogging as a social media. *Tourism and Hospitality Research*, Birmingham, v. 7, n. 3/4, p. 282 - 289, 2007.

No que se refere às identidades sexuais e de gênero, embora haja, na atualidade, a visibilização de múltiplas formas de ser, expressar e relacionar-se e, ainda que haja o questionamento da heteronormatividade e dos padrões hegemônicos, coexistem narrativas essencialistas e reiteradoras dos binarismos antagônicos. Corroboramos as teorias pós-estruturalistas, ao assumimos o gênero como categoria relacional e descontínua, que abdica de investigações fundamentais em teorias essencialistas, biologizantes e médico-higienistas acerca das relações de gêneros, do corpo, do sexo e das sexualidades (LOURO, 1997, 2001; MEYER, 2007). Partimos do pressuposto que, “toda identidade é construção histórica e social e, as identidades de gênero e sexuais não escapam a isso” (MISKOLCI, 2012, p. 22).

A questão do gênero é crucial e, Butler refuta a ideia que “a discussão sobre identidade deva ser anterior à discussão sobre a identidade de gênero, pela simples razão de que as ‘pessoas’ só se tornam inteligíveis ao adquirir seu gênero em conformidade com padrões reconhecíveis de gênero” (BUTLER, 2003, p. 37). Além disso, a heteronormatividade opera em nossa sociedade, tomando a heterossexualidade como padrão de normalidade, que se sustenta, fundamentalmente, nos discursos dominantes naturalizados e assim legitimam a autoridade ou mesmo a superioridade moral de algumas identidades sexuais e de gênero em detrimento de outras.

Um exemplo disso foi a publicação da capa da revista *Veja* (18/04/2016), que trazia a esposa do vice-presidente Michel Temer, Marcela Temer, com o *slogan* “Bela, Recatada e do Lar”. Esta capa exalta a mulher discreta, que está à sombra do marido, que sonha em ser mãe e é romântica, em oposição à figura de Dilma Rousseff, primeira presidenta do Brasil e, que por seu histórico de militância e na política, destoa do padrão veiculado pela publicação. Em síntese, a matéria enaltece um modo de ser mulher, subserviente e invisibilizada como sujeito, bem como, retrata a misoginia e machismo fortemente presentes no contexto brasileiro, refletidos e disseminados pelas mídias.

Contudo, destacamos a repercussão de comentários em relação à situação mencionada, com inúmeras manifestações de mulheres de diferentes grupos sociais nas redes sociais digitais, salientando a fragmentação e pluralidade dessas identidades na contemporaneidade, cuja produção discursiva visa questionar e romper os binarismos antagônicos impostos. Nesse cenário, as redes sociais digitais atuam

como importantes ferramentas que dão vozes e espaços para a materialidade e reivindicações das variadas subjetividades femininas.

A coexistência de opiniões múltiplas e de ambivalências que, por um lado, visibiliza outras vozes, materializando discursivamente a pluralidade sexual e de gênero; por outro lado, acirra o ataque de setores tradicionais, que passam a realizar desde campanhas de retomada dos valores tradicionais da família até manifestações de violência (LOURO, 2001). Como exemplo, são recorrentes algumas publicações que disseminam discursos de ódio, sobretudo direcionado às minorias identitárias, nas redes sociais digitais.

Para essa sociedade de avanços tecnológicos há um processo espacial, denominado como espaço de fluxos: “uma manifestação espacial predominante de poder e função” (CASTELLS, 1999, p. 404), espaço que é extensão da própria sociedade, resultado da nova estrutura em virtude dos avanços tecnológicos. A dissociação do espaço do desempenho de funções do cotidiano, interfere diretamente em nossa cultura. Nas últimas décadas percebemos, por exemplo, o aumento de serviços e compras via *internet*, cursos e até mesmo relacionamentos estabelecidos pelo e no espaço virtual. O resultado desse processo é que temos um tempo mais flexível, que possibilita uma maior circulação de pessoas e de ideias, em padrões cada vez mais móveis (BEZERRA, 2013).

Entretanto, quando nos voltamos para os discursos que operam acerca de gênero e suas relações, distanciamos-nos desta flexibilidade e nos deparamos com narrativas assimétricas que engendram discursos hegemônicos heteronormativos, misóginos e machistas. Todavia, não há como ignorar os “novos” espaços, as “novas” práticas, os “novos” sujeitos e suas contestações ao estabelecido (LOURO, 2010). Portanto, repensar a potencialidade da *internet* como meio de produção de subjetividades e, problematizar os processos discursivos que compõem esse espaço, são desafios para a desconstrução de práticas cristalizadas no âmbito social.

O uso contemporâneo das mídias digitais é o capítulo mais recente de uma longa história de fragmentação e reconfigurações das relações pessoais. A multiplicação dos artefatos culturais midiáticos e as formas como operam, interferem não apenas na constituição de visões de mundo, mas na constituição de sujeitos, pelo enredamento nas tramas da linguagem e da cultura (COSTA, 2000). Os bens culturais industrializados e distribuídos pelas mídias digitais têm a capacidade de

produzir certas construções simbólicas, apropriando-se de elementos que já circulam na cultura que produz tais bens e, os reforça e naturaliza, constituindo um discurso hegemônico. Tal dinâmica caracteriza a mídia como uma esfera poderosa de construção de sentidos (ALMEIDA, 2007).

Voltando-se para a *internet*, ao assumi-la como um território de subjetivação e (re)produção de subjetividades, e ainda, como espaço que potencializa a fragmentação de identidades, podemos atribuir a ela grande contribuição para a difusão, de forma rápida e globalizada, de saberes que (re)produzem condutas, ditam e ensinam modos de ser. Há um processo de desconstrução dos antigos “sujeitos” e “eus”, visto que emergem novas imagens de subjetividade, permeadas pela e na multiplicidade, heterogeneidade, flexibilidade e fragmentação, que nos possibilitam postular que a subjetividade, a *posteriori* de Descartes, é “distribuída, socialmente construída, dialógica, descentrada, múltipla, nômade, situada, inscrita na superfície do corpo, produzida pela linguagem, etc.” (SANTAELLA, 2007, p.86). Por meio das práticas discursivas os sujeitos são construídos, assim como constroem os outros e se ligam ao mundo social. É, pois, a partir das perspectivas pós-modernas de análise, que admitem a linguagem e a cultura como constitutivas (COSTA, 2002), que tomamos como objeto de investigação páginas ditas humorísticas como pedagogias culturais presentes nas redes sociais digitais e, buscamos destacar as formas como operam não apenas na constituição de visões de mundo, mas na constituição de sujeitos.

Redes que espalham, narrativas que educam

Compreender que vivemos em uma sociedade em que as mídias digitais têm um papel cada vez mais central e generalizado é mais desafiador em termos analíticos, porque essa tecnologia não apenas medeia, mas molda subjetividades e as articula no processo incessante de (re)constituição de nossa vida coletiva (MISKOLCI, 2012). Sendo a *internet* e, mais especificamente as redes sociais digitais, espaços de multiplicidade discursiva, consideramos sua potencialidade pedagógica, e, como os estudos da mídia, que centram o foco nas identidades sociais, subjetividade, cultura popular e suas relações para as formas de poder, direcionamos nosso olhar para as redes sociais digitais contemporâneas como *locus* de análise.

O *Facebook*, *Twitter*, *Instagram*, entre outras redes sociais digitais existentes, são mais que meros espaços de compartilhamentos instantâneos de mensagens/textos, imagens e vídeos. São redes que invadem as vivências cotidianas e possibilitam as novas formas de ver, de ler, de escrever e de entrar em contato não só com universo cultural diverso e virtual, mas também de estabelecer relações interpessoais e auxiliares para a compreensão da realidade social (TERUYA, 2009).

Ao passo que essas redes perpassam as relações e ampliam a visibilidade da pluralidade de formas de ser e existir, simultaneamente, são espaços de (re)produção e proliferação de discursos hegemônicos que reiteram relações assimétricas de gênero, a exemplo do ciúme, que ao serem significados como inerentes aos relacionamentos afetivos, atuam como elementos normalizadores de certas condutas no âmbito das relações de intimidade. Não obstante, esses discursos são reiterados corriqueiramente, mascarados e banalizados pela licença do discurso humorístico, que nos interpelam cotidianamente. Para ilustrar, destacamos algumas páginas existentes no *Facebook* articuladas ao *Instagram*, com um alto alcance de público, que se intitulam de cunho humorístico e disseminam narrativas de assuntos gerais em vários contextos, inclusive no campo dos relacionamentos. São elas: Irmã Zuleide (6.197.150 seguidores), Chapolim Sincero (4.543.509 seguidores) e Gina Indelicada (6.357.754 seguidores)⁵.

Para exemplificar a disseminação discursiva a respeito dos modos de se relacionar veiculados por essas páginas, destacamos a narrativa compartilhada por meio de imagem, pelas três páginas supracitadas:

Mulher não desiste, ela cansa! Enquanto ela estiver enchendo seu saco por ciúmes, agradeça, porque no dia que ela aceitar tranquilamente te dividir com o mundo, não é que ela ficou mais compreensiva, significa que ela parou de se importar.

Tais páginas, cujo alcance é imensurável, ao veicular narrativas humorísticas que versam sobre modos de ser e estar nas relações sociais de intimidade, naturalizam e legitimam um *modus operandi* nos relacionamentos afetivo-sexuais que operacionalizam a unilateralidade, atribuindo, por exemplo, ao papel feminino, a responsabilidade de assegurar o bem estar e manutenção da relação. O risco desse discurso

⁵ Conferido em 20/03/2017.

está no sentido que ele engendra, subsidiando comportamentos e valores machistas, patriarcais, misóginos e heteronormativos, por intermédio desse novo espaço de subjetivação, constituído nas e pelas redes sociais digitais.

Essas narrativas circulantes não se limitam à provocação e delimitação de reação, a respeito de possíveis interferências e consequências nos relacionamentos, mas produzem estereótipos e naturalizam papéis de gênero, sobretudo o feminino, para quem as narrativas são endereçadas. As páginas veiculam, detalham e reproduzem características atribuídas ao ser mulher, espelhadas (e mais uma vez reiteradas) no imaginário social. Vejamos outras publicações veiculadas e amplamente compartilhadas no *Facebook*, que descrevem algumas das expectativas atribuídas às mulheres quanto à dinâmica relacional.

*Mulher boa é mulher ciumenta mesmo, brava, louca, paranoica. Quer paz, namora uma pomba branca!*⁶- página Irmã Zuleide

*Mulher tem 7 sentidos: visão, tato, olfato, paladar, audição drama e reconhecimento de putas*⁷- página Gina Indelicada

Em todas estas publicações, há uma tendência à fixação de certas características relacionais, à identidade feminina numa visão essencialista (“mulher de verdade”), além do discurso de ameaça e desqualificação da outra (presente nas páginas analisadas); o que evidencia a hegemonia dos discursos que regulam, controlam e prevalecem no espaço das redes sociais digitais. Tal questão torna-se especialmente perniciosa, quando observamos a validação discursiva dessas condutas e estereótipos, uma vez que os/as internautas reagem, positivamente por meio de comentários e compartilhamentos, a esses modos de ser, expostos, reiterando discursivamente esses papéis, o que resulta na manutenção e naturalização de papéis de gêneros hegemônicos, que reverberam nos relacionamentos íntimos.

É aí que se evidencia o potencial pedagógico destas páginas, por intermédio dos discursos veiculados em suas publicações, pois a pedagogia é o ponto de articulação, quando se trata de produzir e incitar

⁶Publicação da página Irmã Zuleide, com 5,394 curtidas, 923 comentários, 617 compartilhamentos, publicada em 12/01/2017.

⁷Publicação da página Gina Indelicada, com 7,086 curtidas, 1,079 comentários, 861 compartilhamentos, publicada em 27/11/2016.

uma injunção entre os valores e significados expressos e colocados como verídicos num tempo-espaço preciso – evidenciando embates pela significação, que instaura a meta por atingi-los tendo como exigência certas condutas, esforços e sacrifícios. Trata-se de estabelecer relação com procedimentos e regras que estejam em funcionamento, juntamente com ensinamentos associados a um campo de saber, nesse caso as relações de gênero. Nisto, a pedagogia aqui destacada, parece ser o elo articulador entre tais ensinamentos e práticas que são adotadas, para que cada um opere sobre si mesmo e sobre os outros, fazendo com que os ensinamentos – articulados a discursos – de uma cultura machista, heteronormativa e patriarcal atuem e façam parte de suas relações sociais (CAMOZZATO, 2014).

Ressaltamos ainda a existência de páginas específicas que apresentam narrativas que ensinam modos de se relacionar e, reiteram as relações assimétricas de gênero, como a página Namorada Sinistra (1.420.850 seguidores)⁸, que expõe discursos que evidenciam como o espaço virtual pode proporcionar ampla visibilidade para discursos recrudescedores. Por exemplo, em uma postagem (04/02/17), representativa do discurso sexista e misógino recorrente nesta página, que obteve mais de mil curtidas, cerca de 200 comentários e 300 compartilhamentos, há uma imagem de uma pulseira, composta por miniaturas de facões ensanguentados, que representam o corretivo atribuído às “amiguinhas” do parceiro, com a seguinte narrativa:

Comece a montar sua pulseira sinistra já: um pra cada vadia morta.

É explícita a incitação à violência, além da naturalização do papel feminino, responsável pelo controle do parceiro, marcado pela posse e, destinado a zelar pela manutenção do relacionamento. Tal discurso reforça o lugar privilegiado que o masculino ocupa, enunciando modos assimétricos de se relacionar e, reiterando a essencialização biológica do desejo masculino e sua impossibilidade de autocontrole sobre os “instintos sexuais”. Nos discursos da página em questão, o cuidado e o controle são sempre dirigidos às mulheres, principalmente em relação à “outra”, a ameaça à relação, que provoca e desperta o descontrole masculino e põe em perigo o relacionamento, invadindo o imaginário, com a ideia implícita e naturalizada da mulher pecadora,

⁸ Conferido em 20/03/2017.

como Eva, reiterada nas entrelinhas das narrativas discursivas veiculadas por essas páginas analisadas, ditas humorísticas.

Nesse sentido, nos parece cabível certa preocupação, sobretudo pelo modo como a mídia é onipresente diariamente na sociedade (SILVERSTONE, 2002). Dependemos da mídia não apenas para lazer, entretenimento e informações mas, também para obtermos uma sensação de conforto e segurança, capazes de criar um sentido na nossa existência cotidiana. Embora o acesso doméstico à *internet* no Brasil esteja limitado, em grande parte, às classes mais favorecidas, a sua influência não é restrita a essa classe. A circulação das informações na rede e o respectivo impacto sobre os modos de ser, sobre as organizações e a economia em geral fazem com que a influência da *internet* abranja, praticamente, toda a sociedade (CASTELLS, 2003), sobretudo com a popularização dos *smartphones* com planos de operadoras que já incluem o acesso às principais redes sociais digitais.

Atentas a isso, consideramos que o reconhecimento deste campo como produtor de sentidos é um passo necessário para o estranhamento de práticas discursivas hegemônicas, deslocando os significados produzidos pelas máscaras mantidas pela “licença” do discurso humorístico a fim de que sejam revistas e resignificadas, de modo a desestabilizar sua suposta posição de legitimidade. Contudo, a resignificação só se torna alcançável quando direcionamos nosso olhar para as formas como os indivíduos concebem esses discursos. Se nos voltarmos para os exemplos mencionados, percebemos uma reiteração generalizada e aclamada (vide curtidas, comentários e compartilhamentos), que vem sendo questionada por coletivos feministas, de lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e intersexos - LGBTI, negrxs e por usuárixs dessas redes sociais digitais.

Teruya (2009) sublinha que, ao se identificar com o discurso da mídia, o receptor atribui um sentido ao seu modo de viver e a sua condição social, de forma naturalizada. O discurso circula no meio social e entra em constante conflito com as diferenças culturais. Os significados compartilhados pelos internautas, por meio da linguagem, vão construindo sentidos e delimitando modos de ser/estar nas relações sociais. Dessa forma, a mídia e diversas instâncias sociais alicerçam os processos de constituição das representações de conceitos como os corpos, relacionamentos, ciúmes, etc. (WORTMANN, 2001).

O saber é diluído na massa informacional que circula na sociedade, sendo exteriorizado e, ao mesmo tempo, acessível e presente

na vida das pessoas de variadas maneiras, operando em conjunto com artefatos culturais que tem contribuído tanto para disseminar os saberes socialmente mais legitimados, como para potencializar outros saberes (CAMOZZATO, 2014), como por exemplo, as incitações discursivas provocadas pelas campanhas promovidas por *bastags*⁹(#primeiroassédio, #meuamigosecreto, #tambéméviolência) que geram espaços para que narrativas não hegemônicas estejam em circulação pela e nas redes sociais digitais.

No uso das tecnologias *online* é importante ir além da naturalização de discursos por meio do consumo de mídias e partir para a produção de conteúdos significativos, fundados em uma visão crítica e contestadora, que possa compreender os valores e as ideologias que permeiam os posicionamentos políticos em determinado contexto cultural, histórico e social. Talvez não se trate de outras pedagogias em atuação, mas de novas ênfases, de reconfigurações, formas atualizadas de funcionamento e de colocar em operação discursos de hoje, inclusive para desestabilizar esses modos de se relacionar engendrados no machismo e no patriarcado, que são disseminados nesses espaços.

É, pois, pelo amplo espaço de circulação discursiva que a *internet* possibilita hoje que, acreditamos que o conhecimento das potencialidades das mídias pode formar uma geração mais crítica em relação à própria mídia. A educação para mídia é uma perspectiva, que pressupõe um envolvimento no processo de elaboração e produção de conhecimento para e pelas mídias digitais e, nos parece uma possibilidade promissora de investimento para (re)significações nesses novos territórios de saber. É preciso desconstruir o discurso midiático e desnaturalizar o óbvio, que está na aparência das coisas, com base no conhecimento científico, cultural e filosófico. Afinal, o desenvolvimento das tecnologias digitais é um meio de reproduzir a cultura dominante e manter a hegemonia ideológica do capital cultural, produtora do sistema de significados que direcionam os gostos, as atitudes e as normas sociais, que precisam ser problematizadas (TERUYA, 2009).

⁹ Neologismo estrangeiro sem tradução para o português em termo. Compostas pelas palavras-chaves do assunto em questão antecedida pelo símbolo cerquilha (#), as hashtags viram hiperlinks dentro da rede social utilizada, indexáveis pelos mecanismos de busca. Devido ao seu uso difundido, o termo foi incorporado ao dicionário de língua inglesa Oxford, em junho de 2014, sendo definido como: "hashtag n. (nas mídias sociais de sites e aplicativos) uma palavra ou frase após uma cerquilha usada para identificar mensagens relacionadas a um tópico específico." As hashtags, então, servem para agrupar, organizar e mapear um determinado assunto. Fonte: <<https://www.significados.com.br/hashtag/>>.

Nesse contexto, pensar que a educação para e pelas mídias poderia ser assumida como uma forma de iniciação às práticas democráticas, uma incitação para a sensibilização, um estímulo para o questionamento de valores dominantes, para o acesso ao saber e ao exercício da cidadania, por meio de um domínio relativo das tecnologias de comunicação (BECKER, 2012), nos parece uma alternativa relevante. Tal como Logan (2004) advoga, a educação deve estar associada com o desenvolvimento de habilidades e ao uso de diferentes linguagens-discurso, como a *Internet* e as suas redes sociais digitais, na busca de operar em um modelo de educação que dialogue com o novo ambiente e os desafios criados pelas tecnologias da informação e da comunicação e, sobretudo, contribuam para uma sociedade mais igualitária.

Alguns pontos para reflexão...

A cristalização de expressões naturalizadas e legitimadoras dos discursos populares de conotação humorística, amplamente difundidos pelas mídias precisa ser desconstruída. Em face desses novos espaços-tempo digitais e do seu potencial educativo, pensar na utilização dos próprios discursos enunciados na rede, pode ser um caminho possível nessa direção, em que ambivalências, contradições e crenças cristalizadas possam ser postas sob a mira da análise crítica. Vale ressaltar que um leque de práticas discursivas, nem todas centradas unicamente no discurso letrado, têm sido campo fecundo na proliferação de eus, inclusive a *internet*.

É, pois um convite para que, por meio de deslocamentos e tomando por análise a cultura como elemento central, novos olhares sejam lançados, tornando possível uma redefinição da “[...] gama de textos culturais sujeitos a um questionamento crítico e, ao mesmo tempo, fazendo da cultura popular um objeto sério de crítica e análise social” (GIROUX, 1995, p. 133-134). Esses novos espaços de saber, as redes sociais digitais, precisam ser incluídos nas pautas que põem em questão os sentidos culturais implicados na formação e transformação dos sujeitos. Esse deslocamento oportuniza “o esquadrihamento e análise” como produtores de significados mergulhados “em redes de poder e verdade, em discursos circulantes, por meio dos quais se legitimam determinadas representações” (COSTA, 2005, p. 114-115). No cotidiano das experiências comuns, na formulação dos modos de

compreender o mundo, a si e aos outros, culturas e pedagogias estão articuladas e em funcionamento (CAMOZZATO, 2014).

Não obstante, a *internet* potencializa a disseminação e funcionamento dessas pedagogias culturais. Há uma explosão discursiva que permeia esse espaço, disponível para nos ensinar modos de operar com as demandas cotidianas. O grande desafio não é apenas assumir que as posições de gênero e sexuais se multiplicaram e, então, que é impossível lidar com elas apoiadas em esquemas binários; mas, admitir que as fronteiras vêm sendo constantemente atravessadas e – o que é ainda mais complicado – que o lugar social no qual alguns sujeitos vivem é exatamente a fronteira (LOURO, 2010).

O que oferecemos, em suma, é uma problematização sobre a interação espaço-tempo da e na *internet*, enunciando as necessidades de estilhaçar a pretensão de falar em uma pedagogia inoperante, destacando a importância de análises que problematizem a multiplicidade discursiva desse espaço, considerando o seu potencial como meio em que há uma infinidade de narrativas direcionadas à (re)produção de sujeitos. Além disso, a demarcação dos discursos humorísticos sobre os modos de ser no relacionamento veiculado por páginas presentes nas mídias sociais digitais é, precisamente, por considerar que este artigo pode se juntar a uma série de outros trabalhos acadêmicos que vêm esmiuçando as estratégias contemporâneas de produção e desconstrução dos discursos que produzem os sujeitos. Principalmente, ao problematizar as estratégias pedagógicas postas em operação para produzir condutas, racionalidades, subjetividades, que implicam em práticas excludentes, hierárquicas, assimétricas e discriminatórias que precisam ser rompidas a fim de construir discursos politicamente engajados.

Referências

ALMEIDA, Heloisa Buarque de. Consumidoras e heroínas: gênero na telenovela. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 177-192, 2007.

BECKER, Beatriz. Mídia e Jornalismo como formas de conhecimento: uma metodologia para leitura crítica das narrativas jornalísticas audiovisuais. **MATRIZES**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 231-250, 2012.

BEZERRA, Daniela Moura. Os estudos culturais em debate: identidades e cultura na sociedade pós-moderna. In: **III Seminário de Estudos Culturais, Identidades e Relações Interétnicas**, São Cristóvão, 2013.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira., 2003.

CAMOZATTO, Viviane Castro. Pedagogias do presente. **Revista Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 39, n. 2, p. 573-593, abr./jun, 2014.

CAMPANHOLE, Sidney Gomes; MOURA, Vagner Aparecido de. Entre o eu e o outro nas relações de subjetividade nas redes sociais. **Aurora: revista de arte, mídia e política**, São Paulo, v.6, n.16, p. 41-64, 2013.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

_____. **A galáxia da Internet**. São Paulo: Zahar, 2003.

COSTA, Marisa Cristina Vorraber. Estudos Culturais e Educação – um panorama. In: SILVEIRA, Rosa Maria Hessel (org.). **Cultura, Poder e Educação: um debate sobre Estudos Culturais em Educação**. Canoas: Ed. ULBRA, 2005, p. 107-120.

_____. Sujeitos e subjetividades nas tramas da linguagem e da cultura. In: **10º ENDIPE Simpósio Sujeitos e subjetividades na contemporaneidade**. Rio de Janeiro: UFRJ, maio – jun, 2000.

_____. Uma agenda para jovens pesquisadores. In: COSTA, M. V. (org.). **Caminhos Investigativos II: Outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 143-156.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Uma introdução aos estudos culturais. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 9, dez.,1998.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 8 ed., Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

FROW, John; MORRIS, Meghan. Estudos culturais. In: DENZIN, Norman K; LINCOLN, Yvonna. **O planejamento da Pesquisa Qualitativa: Teorias e abordagens**. Porto Alegre: ARTMED, 2006, p. 315-44.

GIROUX, Henry. Memória e Pedagogia no Maravilhoso Mundo da Disney. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). **Alienígenas na Sala de Aula**. Uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 133-158.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educ Real**, v. 22, n. 2, p.15-46, 1997.

_____. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomas Tadeu. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 69-92.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do Eu e Educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **O sujeito da Educação: estudos foucaultianos**. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p.35-86.

LOGAN, Robert K. **The sixth language: Learning a living in the Internet Age**. Toronto: Stoddart Publishing Co, 2004.

Louro, Guacira Lopes. Teoria queer uma política pós-identitária para a educação. **Rev. Estudos Feministas**, v.2, p. 541-553, 2001.

_____. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, G, L.; FELIPE, J; GOELLNER, S. V. (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 9-27.

MISKOLCI, Richard. A Gramática do Armário: notas sobre segredos e mentiras em relações homoeróticas masculinas mediadas digitalmente. In: PELÚCIO, Larissa *et al.* **Gênero, sexualidade e mídia: olhares plurais para o cotidiano**. Marília: Cultura Acadêmica Editora, 2012, p. 35-55.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SILVERSTONE, Roger. **Por que Estudar a Mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.

STOREY, John. **What is cultural studies? A reader**. 2ª ed. London: Arnold, 1997.

TERUYA, Teresa Kazuko. Sobre mídia, educação e Estudos Culturais. In. MACIEL, Lizete Shizue Bomura; MORI, Nerli Nonato Ribeiro (Org.). **Pesquisa em Educação: Múltiplos Olhares**. Maringá: Eduem, 2009, p. 151-165.

UNGER, Lynna Gabriella Silva *et al.* Namorada sinistra: gênero e ciúme no Facebook. In: Seminário internacional gênero, sexualidade e mídia: do pessoal ao político, 3, 2015, Bauru. **Anais...** Bauru, 2015, p. 54-61.

Lynna Gabriella Silva Unger; Claudiene Santos

WEINMANN, Amadeu de Oliveira. Dispositivo: um solo para a subjetivação. **Psicol. Soc. [online]**, vol.18, n.3, p.16-22, 2006. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822006000300003> >. Acesso em 18 nov. 2016.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomas Tadeu. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 7-68.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. O uso do termo representação na Educação em Ciências e nos Estudos Culturais. **Pro-Posições**, v. 12, n. 1, p. 151 -161, 2000.

Recebido: 20/03/2017

Aprovado: 11/04/2017